

Sem Causa Juntamente Choro e Rio

Do riso como dépense primordial*

José Manuel Silva

Universidade da Beira Interior

"Moro na minha própria casa, Nunca imitei ninguém E rio-me de todos os mestres Que nunca se riram de si. (Inscrição por cima da minha porta)".

Nietzsche

O riso é próprio do homem, sem dúvida, mas colocou-se sempre fora do horizonte humano que se reduz à conservação da vida e à continuação da actividade produtiva. É por isso que quando ele irrompe por esses lugares tão sérios, aparece sob a capa do agente provocador, pronto a sabotar.

Para ler este transtornante riso, é útil o estudo de Georges Bataille sobre "La Notion de Dépense", que vem sustentar que "les hommes assurent leur subsistance ou évitent la souffrance, non parce que ces fonctions engagent par elles-mêmes un résultat suffisant, mais pour accéder à la fonction insubordonnée de la dépense libre"(Bataille, 1933:45). Ora, deste ponto de vista, cai por terra uma visão da humanidade que apenas se revê no direito de adquirir, de conservar e consumir racionalmente, fazendo uso do mínimo necessário. O riso pode assim surgir integrado nesta noção de "dépense"perdulária, que constitui em si mesma o seu próprio fim, e sempre teve por missão roubar o homem

ao horizonte mesquinho da sobrevivência e investi-lo na posição de senhor.

Para combater esta "étroitesse de jugement" patente na mera conservação da vida e das energias, temos então o uso do riso, salvador ou simplesmente desopilante, que tem como meta permanente o combate contra o "grand sérieux" da vida, de que nos fala Nietzsche, e junta-se, assim, ao conjunto de outros dispêndios ditos improdutivos, como o luxo, o luto, as guerras, os jogos, os espectáculos, as artes e a actividade sexual perversa, que se têm exclusivamente por fim elas mesmas, e agem numa economia de absoluta perda. Para estas formas improdutivas Bataille reserva o nome de dispêndios, "à l'exclusion de tous les modes de consommation qui servent de moyen terme à la production"(Bataille, 1933:28).

Nada é mais improdutivo que o riso, esbanjador por excelência, e talvez por essa razão os humanos não saibam passar sem ele. O próprio ricto facial que antecede a sonora gargalhada utiliza, num dispêndio puro, a maior parte dos músculos que compõem o rosto humano. Enraizado que está nas estruturas mentais do homem, o riso não deixa de ser um acto profundamente natural ó um bebé cego de nascença também sabe rir ó e como tal acompanha o dispêndio sumptuá-

*Setembro de 1998

rio inscrito em nós pela própria natureza, e pode ombrear lado a lado com a actividade sexual perversa, que não sendo exclusiva do homem, é um dos seus traços distintivos, contrapondo-o ao restante reino animal.

A cultura apropriou-se do riso por sua conta e risco, e desde o primeiro esgar da criança com poucos dias de vida até à gargalhada triunfal que desampara o mais forte de espírito, o caminho do homem que ri foi longo e tortuoso.

O ser humano teve de aprender a lidar com este dom da natureza. Apesar de se tratar de uma "explosion éphémère sans doute et qui ne sert à rien", relâmpago que faisca por um breve instante, numa espécie de centelha fulgurante, o riso "arrache líhomme à líHistoire qui entretient son malheur mais qui porte avec lui les germes du futur"(Duvignaud, 1985:11). O riso surge sempre como algo de fugidio, de marginal à História e às sociedades humanas, irrompendo não se sabe onde, nem se sabendo como. Faz a sua aparição subversiva e é tudo. Como tal pode ser considerado como uma "agression momentanée contre líordre du monde et celui des hiérarchies".

A principal dificuldade deste trabalho queda-se aqui: este género especial de dispêndio não é homogéneo, e é extraordinariamente difícil observá-lo à luz de um estudo das regras, funções e mentalidades que se proponha "définir la constance, la cohésion et la conservation des sociétés". Este observatório parcelar da cultura pouco lhe diz, já que o riso está mais ligado ao modo como "les femmes et les hommes acceptent, subissent, contournent, déforment ces contrôles et ces prescriptions invisibles ou non" e que no fundo "définissent une culture"(Duvignaud, 1985:14).

Somos uma espécie que sabe rir e, como diz Bergson "não existe cómico fora do que é propriamente humano. Uma paisagem poderá ser bela, graciosa, sublime, insignificante ou feia; mas nunca será risível. Poderemos rir-nos de um animal, mas somente porque surpreendemos nele uma atitude de homem ou expressão humana"(Bergson, 93:18).

A comicidade acompanha a humanidade desde os seus primórdios, e podemos bem imaginar que a primeira gargalhada a ecoar no mundo surgiu logo nas iniciais páginas do Génesis, pouco depois de Deus ter concluído a criação, olhado para ela e visto que era boa. A "queda" judaico-cristã poderá muito bem ter a sua origem no riso de Eva quando descobriu a diferença do outro, (é que, embora para os psicanalistas, o complexo de castração opere ao contrário, aqui Adão é uma personagem meramente passiva, e portanto não ri, é rido).

Há, grosso modo, duas versões para a expulsão do homem do jardim das delícias e o seu lançamento no mundo onde "ganhará o pão com o suor do seu rosto". A primeira, a que poderíamos chamar "gnosiológica", é a que vê Eva provando o fruto da árvore da ciência, o conhecimento, precipitando assim o casal nas agruras do mundo. A segunda, "sexual", identifica o pecado original com a descoberta da sexualidade, da diferença do outro, e foi nela que toda a tradição cristã se baseou para a criminalização do sexo, que perdura, embora em versão soft, até hoje, com a insistência dogmática de nunca o separar dos imperativos reprodutivos da espécie.

Nesta segunda versão do pecado original, a que nos interessa, quando a serpente cheia de malícia aponta a maçã, está a indicar o caminho não para uma, mas para duas for-

mas de dépense muito semelhantes, e Eva, vendo que Adão estava nú e era diferente, riu o primeiro riso do mundo. A gargalhada original saiu-lhes, evidentemente, cara, e por causa dela foram largados, já com roupa e tudo, neste mundo cão, mas as duas dépenses primitivas nunca mais os deixaram, e é através delas que o homem escapa ao que de doloroso e mesquinho tem o mundo, para um reencontro, ainda que muito breve e fugaz, com o paraíso adâmico.

Deus sabia, aliás, quão perigoso era este primeiro riso. Eva, num registo de pura transgressão, ri-se de Adão, seu criador pois saiu-lhe de uma costela, e era portanto inevitável que, mais cedo ou mais tarde, e talvez nem tenha sido preciso esperar por Sade e Nietzsche, o homem acabasse por se rir de Deus.

Há, por isso, no riso, qualquer coisa de diabólico, herança da armadilha da serpente. Nas duas versões cristãs de Deus: Antigo Testamento, vingador terrível que virá para julgar os vivos e os mortos; Novo Testamento, pai bonacheirão que nos ama e perdoa infinitamente ó Deus é sempre um ser terrivelmente sério, que jamais ri¹. O mesmo não sucede com Lúcifer e a sua corte de anjos decaídos: conhecem o poder dionisíaco do riso e sabem como utilizá-lo, ainda que o seu riso possa não ser o da joie mas da pura maldade; e por isto o riso move-se sempre num plano de transgressão onde germinam sementes de danação. Este carácter diabólico e diabolizante, foi aliás a genial descoberta de Umberto Eco, que constrói todo O Nome da Rosa em torno desta figura do riso

¹É, de resto, um problema teológico interessante saber se uma criatura onisciente, para a qual nunca haverá surpresas, pode rir.

que aparenta os homens mais com os demónios que com os anjos.

Eva ri-se de Adão e esta matriz original nunca mais foi abandonada. Os personagens da derrisão são sempre os mesmos: o Eu, e o Diferente de Mim. O riso é um dispêndio de energia, uma comoção pelo burlesco, uma farsa que persegue o homem nos "moments inutiles de l'existence" e que não servem "à la survie ou à la reproduction de la vie sociale" (Duvignaud, 1985:15). No entanto, estes momentos estão disseminados por todas as culturas, desde as mais alegres às mais austeras, e é nestas que o riso surge como ameaça e transgressão.

"Lí allégresse qui, chez certains peuples, accompagne la vie quotidienne ne se confond pas avec le rire codé qui s'établit ici ou là de groupe à groupe; le comique que suggère une possible transgression des règles traditionnelles ne s'identifie pas au rire qui explose dans les jeux, la fête, non plus qu'à la dérision qui corrompt les mythes ou l'ordre établi chaque ensemble humain porte avec lui ses formes de comique..." (Duvignaud, 1985:19).

É possível, todavia, que na escalada da espécie humana o riso tenha perdido a sua candura original. À medida que as sociedades se tornam mais hierarquizadas e estratificadas, o cómico transforma-se em algo cada vez mais codificado, só inteccionável por aqueles que participam e conhecem esses sinais. Basta pensar numa cultura ocidental dominada pela ideia de "pecado original" para concluir que o tempo não está propício a grandes risadas, pois o que importa, se quisermos salvar-nos para a eternidade, segundo a prescrição cristã, é escapar para fora deste "vale de lágrimas", e o riso, instrumento terreno por excelência, não confere

mas afasta do tão almejado passaporte.

O cómico não é visto com bons olhos pelos poderes instituídos, sejam eles de índole religiosa, política ou económica. O riso é uma pura perda de tempo, quando o que interessa é produzir e adquirir propriedade, na terra ou no prometido reino do além.

O lema do poder que é "muito riso pouco riso", diz muito do medo que se instala ante uma sonora gargalhada, e não é de estranhar, por exemplo, que alguns reinos, os mais desconfiados, chamem ao seu seio uma nova personagem ó o bobo ou pantomineiro ó para aplacar a fúria das hordas. É, domesticadamente, servido um sedativo para adormecer as micro-revoluções sempre em estado latente e que podem ser desencadeadas, a qualquer momento, por um riso que desconcerta, perdidamente, o mais sisudo dos governantes. "Certains royautes africaines ou européennes du Moyen Age aient fait du bouffon une sorte d'institution pour se défendre de la corruption comique. La plupart des dominations politiques se méfient du rire"(Duvignaud, 1985:26).

O riso é sempre contraproducente, e se não for possível varrê-lo para debaixo do tapete da história, mais vale domesticá-lo desde a nascença, antes que irrompa algures alegremente, desenvolvendo, em absoluta perda e a despropósito de todos os costumes e convenções sociais, pequenas e grandes revoluções.

A noção de potlatch pode adquirir, nesta altura, todo o seu valor, quando o riso se propaga, subitamente, dos subterrâneos da razão para criar em momentos especiais, como as festas carnavalescas, o excesso e a comoção de voltar as hierarquias sociais de cabeça para baixo.

É de crer, pois, que o riso acompanhe estas perdas sumptuárias de bens e propriedades.

Tal como o riso, o potlatch integra o modo natural do homem agir sobre si e interagir com os outros. O dispêndio surge como a base desta interacção primária, e a produção e a aquisição são meros efeitos secundários neste sistema.

Esta visão torna-se ainda mais clara quando se lida com as instituições económicas ditas primitivas, onde "l'échange est encore traité comme une perte somptuaire des objets cédés". Se muitos economistas tradicionais continuam a acreditar que a troca está na origem ancestral do comércio, as cerimónias do potlatch evidenciam, precisamente o contrário: "Il se présente ainsi, à la base, comme un processus de dépense sur lequel s'est développé un processus d'acquisition. (...) Un moyen d'acquisition comme l'échange ait pu avoir comme origine, non le besoin d'acquiescer qu'il satisfait aujourd'hui, mais le besoin contraire de la destruction et de la perte"(Bataille, 1933:32).

O potlatch surge, tal como o riso, em ocasiões especiais de mudança quer nas pessoas, quer nas situações. As iniciações, os casamentos e os funerais incluem-se neste tipo. Está sempre presente a ideia de festa, onde os rivais se desafiam, muitas vezes, através de destruições espectaculares de riqueza.

"Il exclut tout marchandage et, en général, est constitué par un don considérable de richesses offertes ostensiblement dans le but d'humilier, de défier et d'obliger un rival. La valeur d'échange du don résulte du fait que le donataire, pour effacer l'humiliation et relever la défi, doit satisfaire à l'obligation, contractée par lui lors de l'acceptation, de répondre ultérieurement par un don plus important"(Bataille, 1933:33).

O potlatch é um delírio que percorre toda a festa, numa verdadeira hecatombe de pro-

priedades com o fim exclusivo de espantar o outro. Esta prática lançou, aliás, raízes muito mais profundas do que podemos imaginar, e traços abastardados deste potlatch encontram-se nas sociedades ocidentais contemporâneas, onde o homem vive, em delírio consumista, esmagado pela máxima: "O meu mercedes há-de ser maior que o teu".

Nestas cerimónias originais o mais o rico acaba por ser aquele que fica mais pobre, num desperdício sumptuário e irracional de dotes e bens. Quase se torna perceptível o brilho nos olhos e o riso estampado no rosto de quem se despoja assim de todos os seus pertences em frente do outro. Este recebe as dádivas como uma espécie de bofetada na face, ruborizada pela humilhação sofrida e que só pode ser aplacada no próximo potlatch.

Este rir de quem dá, de quem destrói a seu bel-prazer, é também um "rir de soi". Como muito bem notava Nietzsche, temos de rir de nós próprios, antes que sejamos ridos. Neste momento pode até estar contida a sua visão do riso como afirmação da vontade do Eu. O homem torna-se outra vez criança quando joga, em absoluta perda da sua individualidade, o seu Sim à vida: "Si líon considère que líhomme a été pendant des centaines díannées un animal extrêment sujet à la peur, et que toute brusquerie, tout imprévu lui commandait de se préparer à la lutte, peut-être à la mort et que, même plus tard, dans líordre social, tout sa sécurité reposait sur le prévu, sur la tradition des idées et des activités, on ne síétonnera pas que toute brusquerie, tout trait inattendu de la parole et du geste, pour peu qu'ils éclatent sans danger un dommage, provequent chez líhomme une détente, qu'il passe alors à líopposé de la crainte: líêtre recroquevillé,

tremblant de peur, se détend, síépanouit largement ó líhomme rit"(Nietzsche, citado por Duvignaud, 1985:51).

O riso tem vida e assume várias máscaras. O próprio Bergson vê nele algo de accidental, como uma arma de arremesso ao dispôr do social contra a rigidez que se pode propagar, como uma doença, num indivíduo isolado ou num grupo de pessoas que perdeu a "elasticidade".

Aqui o riso aparece como um tónico vitamínico que repõe a normalidade, entretanto, desaparecida. "O que a vida e a sociedade exigem de cada um de nós é uma atenção constantemente desperta, pondo a claro os contornos da situação presente; uma certa maleabilidade do corpo e do espírito que nos ponha em condições de a ela nos adaptarmos"(Bergson, 93:26).

Em tal caso, a rigidez seria o cómico e "o riso é o seu castigo". Nesta curiosa visão Bergsoniana ninguém se pode distrair dos seus deveres da vida social, pois as campanhas de alarme estão sempre prontas a disparar: "É cómica a personagem que segue automaticamente o seu caminho, sem tratar de tomar contacto com os outros. Lá está o riso para corrigir a sua distração e para a fazer acordar do seu sonho"(Bergson, 93: 99).

Esta concepção do cómico é bem patente numa sociedade utilitária e aquisitiva com a nossa, onde um qualquer D. Quixote e seus moinhos de vento são sempre bem vindos pela oportunidade oferecida à chacota sobre a sua triste figura. Claro que a triste figura pode não estar no homem de La Mancha, mas no pauperismo dos que o aguardam como abutres ávidos para extraírem da sua situação existencial um mísero casquinar.

O riso nos tempos modernos, mesmo empobrecido, como é óbvio não desaparece de

cena, antes é aproveitado por uma indústria que o sabe usar para os seus próprios fins. O mercado do riso foi transformado em paliativo ó uma máquina que gira para não sair do seu lugar ó, e assiste-se cada vez mais à sua própria macaqueação. As anedotas do Sala, os concursos televisivos onde as vítimas debitam piadas ao cronómetro, a gargalhada enlatada das sit coms, são signos desta domesticação de um instinto selvagem e profundo.

"Na falsa sociedade, o riso atacou ó como uma doença ó a felicidade, arrastando-a para a indigna totalidade dessa sociedade. Rir-se de alguma coisa é sempre ridicularizar, e a vida que, segundo Bergson, rompe com o riso a consolidação dos costumes, é na verdade a vida que irrompe barbaramente, a auto-afirmação que ousa festejar uma ocasião social, a sua libertação do escrúpulo. Um grupo de pessoas a rir é uma paródia da humanidade. São mónadas, cada uma das quais se entrega ao prazer de estar decidida a tudo à custa dos demais e com o respaldo da maioria. A sua harmonia é a caricatura da solidariedade. O diabólico no riso falso está justamente em que ele é forçosamente uma paródia até mesmo daquilo que há de melhor: a reconciliação"(Adorno, 1985:132).

Como Adorno muito bem nota, o riso perdeu a sua inocência original e tornou-se maldoso, amarrado que está às instâncias da dominação. De repente, tudo ficou repleto de Sanchos Panças, que já não se dão ao trabalho sequer de seguir o seu mestre. A mula foi substituída pelo sofá mais próximo do televisor² e espera-se que as máquinas produ-

²Os americanos, possuem, aliás, uma expressão belíssima, de conotações infinitas, para designar este tipo de humanóide: "couch potatoe".

toras de gargalhadas façam o seu trabalho, para que se possa rir alarvemente a toque-de-caixa.

O medo deixou de existir e, como tal, o dispêndio do potlatch e do riso, como supérfluos que são, tornam-se obsoletos, já que uma vez realizada a perda do homem pobre, aquele que não possui bem para realizar o potlatch, "le plaisir de l'homme riche [realizar o potlatch] se trouve peu à peu vidé de son contenu et neutralisé: il fait place à une sorte d'indifférence apathique"(Bataille, 1933:40).

Esta indiferença apática é o lugar privilegiado para a indústria do prazer. "O riso torna-se nela o meio fraudulento de ludibriar a felicidade". A mentira instala-se com o recurso ao humor, "a alegria maldosa que se experimenta com toda a renúncia bem-sucedida. Rimos do facto de que não há nada de que se rir"(Adorno, 1985:131).

É pois um riso domesticado, um riso da maioria numa cultura da sit com, que modela o gag em conceitos previamente estabelecidos e re-conhecidos por todos. Os intervenientes sabem de cor as suas marcações, e até em que ritmo podem rir. A comédia não é mais que isto. A antevisão de um qualquer filme para plateias escolhidas a dedo, é bem o exemplo acabado desta instrumentalização do riso. Nesta primeira reacção do público procura-se, antes de mais, extirpar os elementos considerados espúrios a este cómico condicionado. Produz-se o riso como se fabricam enchidos numa linha de montagem: entra porco, sai chouriço. Esta sociedade aceita muito relutantemente o agónico, o imprevisto e o excesso, assente que está nos alcerces de uma verdade deformada. Mas o riso gosta de usar artimanhas e, tal como o vento, penetra por todas as frestas da casa,

levantando o pó pusilâmine da renúncia à vida.

Numa época em que a maioria das ciências sociais proclamam, por hiperdesenvolvimento (obesidade?), a morte do seu objecto, cumpre portanto perguntar que é feito do riso originário, aquele com que Eva estarteceu o Criador e que terá lançado o homem na sua condição mortal e transitória de pó a caminho do pó. E ainda bem. É a nossa mortalidade e não-omnisciência que justifica a existência-persistência de tal gesto perdurário.

Borges, num dos contos do *Aleph*, compraz-se a descrever um mundo pós-apocalíptico habitado por fantasmas e ruínas de fantasmas que vagueiam, mudos e apáticos, por entre os escombros. São os imortais, e a personagem que os encarna, Homero. O seu pesadelo, e poucos pensaram nisso, é estarem condenados à eternidade, ao eterno retorno de tudo o que foi e será, e portanto todo o gesto, que é medido com a eternidade, deixa de fazer sentido - fazer o quê? se tudo o que não foi feito, será inevitavelmente feito.

O riso é portanto apanágio da condição dos mortais. Terá morrido com a instrumentalização que se apoderou dele, numa altura em que a última barreira que parece por ultrapassar é, precisamente, a da mortalidade? Há algo de felino no riso, e o felino é o único animal que, deixando-se domesticar, saber permanecer wild at heart. Mesmo domesticado, o riso continua a encerrar felinamente este potencial selvagem e destruidor, que às vezes, ainda que brevemente, irrompe de surpresa sobre a superfície lisa e nua das coisas.

A epígrafe de Nietzsche é, precisamente, a tese que orienta Eco no *Nome da Rosa*. Só o que sabe rir-se de si consciente da própria

contingência pode rir, com a pureza original, da verdade, do mundo, e mesmo dos outros, e esta é a forma privilegiada, talvez única, de dizer Que Não. A morte do riso seria a morte da condição humana, conquistada a tão duras penas por intermédio de uma maçã. Portanto, o entimema segue limpo e escorreito sem violar nenhuma lei da Lógica: o riso está vivo.

Desde que haja alguém disponível para saltar para cima do seu Rocinante e seguir viagem estrada fora, o dispêndio do riso será a fogueira que o irá aquecer nas noites mais frias. Não importa que desta vez Sancho Pança fique na soleira da porta a ver partir o seu amo de triste figura. Haverá sempre dragões a quem espetar galhardamente a lança, e outras aventuras dignas de um cavaleiro, certo de que no fim o coração de Dulcineia ó não importa se taberneira, mas sim o amor-puro-amor ó será arrebatado com todo este dispêndio a despropósito de forças e energias.

Quem sabe se no final da jornada não estará a resposta de Guilherme de Baskerville, por sinal amigo de outro Guilherme, o de Occam, ao seu fiel seguidor:

"Teme, Adso, os profetas e aqueles que estão dispostos a morrer pela verdade, que de costume fazem morrer muitíssimos com eles, frequentemente antes deles, por vezes em seu lugar. Jorge cumpriu uma obra diabólica porque amava de modo tão lúbrico a sua verdade que ousava tudo com a condição de destruir a mentira. Jorge temia o segundo livro de Aristóteles porque ele ensinava talvez a deformar deveras o rosto de toda a verdade, a fim de que não nos tornássemos escravos dos nossos fantasmas. Talvez a tarefa de quem ama os homens seja fazer rir da verdade, fazer rir a verdade, porque a

única verdade é aprender a libertar-nos da paixão insana pela verdade"(Eco, 1996:486).

Bibliografia:

Adorno et. al., 1944, *Dialética do Esclarecimento*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

Bataille, Georges, 1933, *La Notion de Dépense*, in *La Critique Sociale*, nº 7.

Bergson, Henri, 1993, *O Riso - Ensaio Sobre o Significado do Cómico*, 2ª ed., col. Filosofia & Ensaios, Guimarães Editores, Lisboa.

Duvignaud, Jean, 1985, *Le Propre de L'Homme - Histoires du Rire et de la Dérrision*, col. La Force des Idées, Hachette, Saint-Amand-Montrond.

Eco, Umberto, 1996, *O Nome da Rosa*, Difel - Difusão Editorial, Lisboa.

Nietzsche, 1987, *A Gaia Ciência*, col. Filosofia & Ensaios, Guimarães Editores, Lisboa.